

UNIDADE DIDÁTICA
LEITURA FEMINISTA DE

Scórpio

SUSANA SANCHES ARINS





LEITURA FEMINISTA DE SCÓRPIO





LEITURA FEMINISTA DE SCÓRPIO

NOTA PARA DOCENTES. As atividades que acompanham esta unidade refletem sobre a temática do gênero na literatura. Podem ser realizadas após a leitura da obra íntegra ou depois de a docente selecionar um capítulo / fragmento para trabalhar, segundo lhe interessar para o desenvolvimento da sua matéria.

Quando a Através editou novamente o *Scórpio*, comprei, como subscritora fiel que sou, mas admito que sem lê-lo novamente.

Evito desde há tempo a releitura de autores que na primeira mocidade adorei. Evito-o por medo a dececionar-me. Formei-me completamente no cânone hegemónico-oficial e, mesmo a questionar-me muitas cousas, só me tornei plenamente consciente disso ao mergulhar no feminismo. As aprendizagens que este me ofereceu puseram de pernas para o ar muitas das minhas seguranças éticas e estéticas, virando totalmente o rumo das minhas escolhas literárias.

Quando a AGAL me propõe fazer a leitura feminista do *Scórpio*, entro em pânico. Pouco lembrava do conteúdo do *Scórpio*. Na realidade, esquecera totalmente. Mas mantinha na memória a leitura gozosa, feliz, impactante. Lembro-me na Biblioteca do Ceip do Fojo a resgatar o exemplar cinzento e lilás de Sotelo Blanco, com a sua faixa de “Prémio da Crítica”. E ler empachada.

Temia reabrir o volume. E vou, desde já, admitir: tinha razões para isso.

Porque, no que respeita à imagem das mulheres, ao seu lugar na narrativa, à sua funcionalidade no desenvolvimento na trama, é impossível um romance ser mais canónico e hegemónico e oficial. E para mim foi já nem sequer gozoso, mas custoso de ler.

Scórpio desenvolve a sua trama entre os anos 1910 e 1938/9. Segue a vida do protagonista desde o nascimento até a morte e, na segunda parte da obra, aparece como pano de fundo o golpe fascista de 36 e a guerra. Já por isto muitas qualificam a obra de épica, de narrativa histórica, de romance de herói. E eu procurei isso nesta minha segunda leitura para dar com um folhetim, autêntica literatura rosa, pois o motor dos textos deixam de ser as grandes decisões políticas ou os grandes momentos históricos para serem os amórios do protagonista. A intriga está em sabermos, descobrirmos, ou nem isso, quais e por que surgem as amantes de Rafael, se manterá o relacionamento com a Chéli, se lhe será infiel com a Cleo, se houve algo com a Eugénia.

É muito evidente a escolha desta estrutura por parte do autor, tanto que as primeiras reflexões obrigam-nos a perguntarmo-nos como pode ter sido ignorada, em geral, pela crítica. E damos com um dos primeiros preconceitos machistas do mundo literário. Sempre houve géneros literários desprezáveis: a literatura infantil e juvenil, nos seus inícios o romance, a literatura rosa, os géneros confessionais (diário, autobiografia); e por desprezíveis eram os permitidos às mulheres, o qual incrementava o seu desprestígio: géneros menores só exercidos por mulheres = géneros piores. Quando um homem recorre a estas estruturas para organizar a sua obra, e sempre que essa obra seja qualificada como de alta qualidade, há duas opções habituais: a primeira, tirar importância, mesmo ocultar, a presença dessas marcas; a segunda, sobrepujar a capacidade do homem para dignificar um género menor, feminil.

O primeiro, portanto: Carvalho Calero faz literatura rosa. Decidiu que era a estrutura mais adequada para nos narrar anos fulcrais na recente história da pátria. Pergunta-se o Salgueiro: “estou a escrever novela rosa?”¹ E nós respondemos: Sim, está a fazer. E está bem, e digamo-lo bem alto. Nom vale a pena dissimular.

Susana Sanches Arins

1- Pág. 87.

LEITURA FEMINISTA DE SCÓRPIO

TAREFA 1

O folhetim ou literatura rosa é um campo bem interessante como reduto subversivo em épocas de censura e controlo policial da obra das autoras. Vamos aproveitar para nos aproximarmos da figura de Cassandra Rios, autora brasileira que incorporava aos seus romances, literatura de quiosque e papel barato, tal qual como num cavalo de Tróia, todo o tipo de temáticas político-sociais nas décadas de 60 e 70. Lê o artigo sobre ela [na wikipédia](#). **Que elementos da sua biografia te surpreendem? Repara nas seguintes questões: temas de escrita, popularidade e vendas, problemas com a censura, uso de pseudónimo masculino.**



Cassandra Rios

Nomear é apropriar-se de algo. Pensemos nos exploradores e colonizadores: o primeiro que fazem chegando a um lugar e colocar-lhe um nome, com independência de que tenham um anterior, um escolhido ou um acolhido como identitário. O mesmo acontece no *Scórprio*. É certo que os protagonistas têm cadansua alcunha, Scórprio e Sagitário, mas os nomes escolhidos nunca anulam ou impedem os nomes próprios, Rafael Martínez Pinheiro e Jorge Bermúdez. As mulheres que aparecem na narrativa, fora as da intimidade ferrolã, têm todas nome escolhido polos protagonistas. De poucas delas chegamos a saber o nome próprio; da maioria, nunca. Damos com elas só através do olhar masculino e por isso mesmo só chegam a nós se capacitadas para seduzir ou gostar aos homens: Cleópatra, Helena, Afrodita, Salomé, Artemisa... nomes de claro valor simbólico sempre associado à beleza. Aquelas que pouco interessam aos homens fisicamente, nem nome têm: “Som duas madrilenas que estudárom juntas. *Umha parece-me insignificante como mulher*, ainda que demostra estar mui ao dia em matéria de poesia espanhola contemporânea. A outra é Artemisa. Nom lhe pugérom esse nome no baptismo, desde logo; mas eu designei-a com esse mitológico alcume antes de conhecer a sua identidade, e agora, quando falamos dela, alomeamo-la assi. Mesmo lho temos confessado a ela própria, e nom lhe pareceu mal, a julgar pola sua reacçom. É umha rapariga mui séria, mas nom adusta, e tam gentil e lançal que a mim me move a admiraçom, e me evoca a esbeltez divina da Diana Caçadora. No que diz respeito à inteligência é, evidentemente, a primeira entre todas as mulheres que ficam em pé, quero dizer que nom fôrom eliminadas do curso. *Com diferença à sua companheira*, amostra nas “trincas” umha implacável objetividade crítica que nom se embrulha em concessons cortesies.” (pág. 147/148; itálicos meus)

LEITURA FEMINISTA DE SCÓRPIO

Como indicamos antes, os nomes escolhidos pelos protagonistas do romance para as mulheres que os acompanham têm um claro valor simbólico, tanto como transparente. Permitem colocar as personagens femininas na tipologia tradicional da literatura masculina: a mulher angelical, a mulher ideal e a mulher diabólica, esta última divisível em mulheres más e femmes fatais. Na narrativa de Carvalho Calero outro tipo de mulher, diferente, alternativo² está ausente.

As mulheres ferrolãs da vida de Scórprio fazem parte desse mundo angelical. Aurélia, a mãe, e Chéli, a noiva/irmã eterna respondem a esse modelo ponto por ponto. Nengum pormenor foge do papel do recato abnegado, da sombra acompanhadora do herói da trama. O rol virginal da Chéli até fai duvidar todas as demais personagens se exerce realmente de namorada do protagonista³.

As demais, excluindo mãe e irmã, zás, mulheres diabólicas e/ou ideais. Belezas perfeitas, admiráveis, como a Artemisa. E mulheres más. Rafael Martínez Pinheiro está construído como personagem distinto e distante, de quem nunca sabemos se sente ou se os fatos que lhe acontecem na vida passam realmente por ele. Neste sentido, é-nos colocado como um homem que se deixa levar, que se deixa fazer. E aparecem aí as femmes fatale, para levar Scórprio por caminhos que ele nunca trilharia: “Nom há dúvida de que Eugénia foi a sedutora, e Scórprio, o seduzido. Esta mulher de vinte e três anos, tam misteriosa, e a quem o mesmo dia em que Cleo regressou inesperadamente, saudei eu na Porta Fageira, quando se dirigia à sua casa, e eu voltava de um passeio pola Ferradura, apresenta-se-me agora ao jeito de umha verdadeira mulher fatal, dessas sereias que o cinema nos fornece como umha sublimação entre diabólica e feérica da femineidade, para compensar-nos de algum jeito, aos pobres homens, aos pobres moços coma mim – das frustraçons eróticas que nos fostregam, entre a grosseira do amor mercenário e as reservas mexeriqueiras das nossas companheiras de status social⁴.” (pág. 34)



2- Se fazemos esta análise na sua poesia, daremos com os mesmos modelos.

3- O capítulo LXIX da primeira parte, em que é narrado o dia do casamento, é boa mostra desta imagem da Chéli.

4- Veja-se como é naturalizado o recurso a prostitutas como atividade “natural” entre os homens.

LEITURA FEMINISTA DE SCÓRPIO

TAREFA 2

Informa-te sobre as personagens bíblicas e mitológicas que se encontram atrás das alcunhas das mulheres do romance: Cleópatra, Salomé, Afrodita, Helena, Artemisa. Atende ao relacionamento que tiveram com os homens e com que fama passaram à história.

Em grupos, depois de vos informardes, lede algum capítulo de *Scórpio* em que (se) fale delas (um por cada mulher) e contrastai as suas figuras com os seus referentes histórico/mitológicos.



Artemisia Gentileschi: *Salomé com a cabeça de São João Batista*

O papel que as mulheres têm na narrativa contrasta com o momento das mulheres no contexto social da época. Nas décadas de 20 e 30 do século XX a universidade galega começa a receber as primeiras estudantes. É a época da Residência de Senhoritas em Madrid e das chamadas “sinsombrero”, mulheres que, como Maruja Mallo, decidiram vestir seguindo novas modas e optaram por recusar-se a levar a cabeça coberta, insubmissas às normas sociais⁵.

TAREFA 3

Informa-te sobre a vida de Olimpia Valencia, as irmãs Fernández de la Vega ou Maruja Mallo e os seus anos universitários. **Contrasta-a com a vida universitária que refletem as mulheres estudantes em *Scórpio*. Nas biografias destas mulheres há referências a amórios estudantis? Participam em atividades culturais e políticas? As informações sobre os seus estudos transmitem a ideia de elas irem à universidade para caçar marido?**

A presença das mulheres na Universidade é refletida na obra, mas isto está longe de ir em paralelo com o seu rol na narrativa. Aparecem aí, nesse novo espaço conquistado, mas para o mesmo de sempre: dar prazer estético, sensual e sexual aos homens. Assim como os moços iam a Santiago para estudar, divertir-se, andar em literaturas e política, as moças só iam passear e procurar namorado. Nunca falam daquilo que aprendem nas sessões académicas, nunca opinam sobre política. Aparecem como simples comparsas da vida masculina.



Olimpia Valencia

5- E tanto que é mostra de rebeldia: “Também é negra a sua melena, que, infelizmente, usa, como todas as mulheres hoje, *cortada à la garçon*. Como lim nuns versos publicados en Blanco y Negro, creio que de Cristóbal de Castro: Tu, entre todas, las del día / con melena a la garzón, / eres la anfibología / andrógina de Platón.” (pág. 29)

TAREFA 4

Informa-te no *Álbum das Mulheres* de culturagalega.org sobre universitárias nas décadas de 20 e 30 do século XX. Se inicias a procura com a palavra-chave “universidade” será mais fácil localizá-las. **Elabora a lista de mulheres que aparecem referenciadas. Em quantos campos de estudo há mulheres? De quantas delas conhecias a existência? Quantas tiveram obstáculos para iniciar estudos universitários? Quantas tiveram problemas após o golpe de estado de 36?**



Maruja Mallo e Josefina Carabias em 1931

No romance aparecem mais mulheres que as universitárias a relacionar-se com os protagonistas. Aparecem-se também mulheres das camadas populares e mulheres prostituídas, que nalguns casos acabam por ser as mesmas.

No tempo de estudantes os protagonistas visitam e galanteiam três raparigas, Susa, Rosa e Luzia⁶, das quais gozam até onde querem, mas que já desde o início aparecem responsabilizadas por esse relacionamento: “todas atirando ao fino, atirando aos estudantes, que temo que qualquer dia os artesãos do bairro nos dem um desgosto” (pág. 75). Mas eles põem-nas de parte quando deixam de convir-lhes e assim o recrimina Susa a Sagitário no capítulo XLII.

No frente de guerra a presença das mulheres é limitada às soldadeiras, assim conceptualmente percebidas. Mulheres que andam nesse mundo só para satisfazerem desejos e necessidades masculinas. Faz-se diferença de classe entre elas: as cortesãs, elegantes, mesmo distinguidas, e as hetairas, de rua: “Neste Madrid sitiado nom todo é guerra. Ainda há homens que se deitam com duas mulheres. O amor exercita-se livremente, as hetairas peripatéticas que se ofertavam ao viandante nas ruas que desembocam na Gran Vía, já actúan nesta sem temor à policía. Nom as grandes e formosas e elegantes cortesás que frequentam os mais distinguidos cafés, como a minha vizinha do *Negresco*, senom as humildes trota-ruas que ontem se agachavam nas sombras, controladas ou contidas pola política urbanística e policial e o vago ideal republicano de aboliçom da prostituçom.” (pág. 172)

6- A mais nova de só quinze anos.

TAREFA 5

Informa-te sobre a proposta abolicionista de Clara Campoamor, aprovada em 1935. Que defendem as abolicionistas? Que pedem as regulacionistas? Em que espaço situarias Clara Campoamor? Do trecho que acabamos de referir do romance, podemos deduzir que as propostas de Clara Campoamor tiveram pegada social? Compara-as com os debates atuais sobre este assunto.

A Editorial Galaxia acabou de publicar parte dos escritos desta política feminista: *O meu pecado mortal*.



Mulheres antifascistas a manifestar-se durante a guerra

Durante a Guerra Civil espanhola as mulheres mobilizaram-se na defesa da República, sobretudo dentro das fileiras comunistas e anarquistas. Mas nestas mulheres pouco reparam as personagens, por só procurarem nelas objetos de desejo sexual. Vem-nas, mas sem dar-lhes importância. Contrasta assim como é mencionada a presença anónima delas nas manifestações com como é descrita em pormenor a presença das cortesãs de café: “Desde mui cedo começaram a afluir obreiros, *numerosas mulheres*, elementos das classes de tropa e muitos guardas do corpo de Guarda ao que pertencia o militar assassinado” (pág 155; *itálicos meus*).

Vem-nas, mas tratam as suas ações de maneira paternalista, como neste trecho, único em todo o romance em que é utilizado o qualificativo de *nenas*: “Os cafés estão cheios. De quando em quando entram neles umhas moças que levam umha pancarta com letreiros e desenhos patrióticos, e representam umha espécie de propósito excitando os homens a alistar-se para combater na frente. Nós, enfiados nos nossos uniformes e com o aspecto marcial de veteranos defensores de Madrid, permanecemos mui tranquilos nos nossos assentos, sorrindo talvez às rapazas que recitam os seus papéis. Mas alguns paisanos nom demasiado maduros sentem-se inquietos como aludidos pola representaçom, e aliviados quando as *nenas*, que som da CNT ou da UGT, ou da Uniom de Mulheres Antifascistas, se retiram ao fim para ir com a sua música a outra parte.” (pág. 208/209)

TAREFA 6

Informa-te sobre a *Unión de Mujeres Antifascistas* e outras associações feministas ativas durante a Guerra Civil. Indaga sobre a importância que tiveram no desenvolvimento da guerra e da resistência.

Que tipo de tarefas realizavam? Conhecias as associações localizadas? Achas que os dous trechos da obra em que se referenciam estes grupos se correspondem com a presença ou importância histórica que tiveram?

Tal e como está articulado o romance, é certo que toda a diégese gira em volta da figura de Rafael Martínez Pinheiro, Scórpio. Os capítulos consistem na realidade em depoimentos de personagens diversas que, ou foram testemunhas de factos que afetam a vida dele, ou opinam sobre o seu carácter e forma de ser. Porém, há espaço para outras narrativas: as palestras universitárias, os planos de futuro dos estudantes, as intrigas políticas, a vida cultural. E mesmo assim, quando aparecem depoimentos femininos reduzem-se ao único aspeto do atractivo do protagonista e a vida sentimental e sexual dele⁷. Neste sentido o romance mal supera o popular (e simples, se bem que significativo) teste de Bechdel.



Manifestação republicana em 1934

O [teste de Bechdel](#) estabelece que para qualquer obra cinematográfica, e já agora qualquer obra artística, ser respeitosa com a presença das mulheres devem dar-se as seguintes condições:

1. Deve haver qualquer cena com duas mulheres
2. Elas devem conversar entre as duas
3. Elas devem conversar sobre outra qualquer coisa para além de um homem.

Já Virginia Woolf destaca este defeitinho da literatura masculina no seu ensaio *Um quarto que seja seu*: “Todas essas relações entre mulheres, pensei, recordando rapidamente a esplêndida galeria de personagens femininas, são simples demais. Muita coisa foi deixada de fora, sem ser experimentada. E tentei recordar-me de algum caso, no curso de minha leitura, em que duas mulheres fossem representadas como amigas. [...] Vez por outra, são mães e filhas. Mas, quase sem exceção, elas são mostradas em suas relações com os homens. Era estranho pensar que todas as grandes mulheres da ficção, até a época de Jane Austen, eram não apenas vistas pelo outro sexo, como também vistas somente em relação ao outro sexo. E que parcela mínima da vida de uma mulher é isso!”

7- Poucas vezes as mulheres fornecem informações para além do plano sentimental, autenticamente políticas, mas elas vêm referidas indiretamente, por exemplo através de Barreiro: “Um tio de Artemisa é tenente coronel da Guardia Civil, e a nossa companheira sabe por ele mais do que dim os jornais.” (pág. 153)



LEITURA FEMINISTA DE SCÓRPIO

TAREFA 7

Escolhe algum dos capítulos do romance que esteja narrado do ponto de vista de qualquer personagem feminina. Se entre toda a turma revisardes vários a análise será mais completa. Comprova se esse trecho está relacionado com homens ou com questões vistas como femininas. **Escolhe algum capítulo narrado do ponto de vista de um homem em que se fale de qualquer personagem feminina. A imagem que dá é estereotipada?**

As mulheres tomam a voz poucas vezes. Porém, devemos ser cuidadosas na leitura. A aparente polifonia do romance é isso, aparência. Na realidade é a voz autorial a governar todos os depoimentos, o Salgueiro, que é quem está, de dentro, a construir a narrativa. As personagens carecem de vozes próprias, mas as que ele imagina que teriam: “*Essa mulher que fala, nom fala exactamente como o faria umha mulher real da sua condição*” (pág 60). E tanto! Isto faz com que as vezes que ouvimos as personagens femininas atendamos a vozes tingidas de androcentrismo. Mulheres a ver o mundo como o olharia um homem. Na realidade, mulheres a olharem-se a si próprias como um homem o faria. Como o Salgueiro faz.

TAREFA 8

Define “androcentrismo”. Pensa noutra obra literária ou audiovisual a que se poderia aplicar esse termo. **Elaborai umha lista com todas as da turma. É habitual na nossa cultura que as obras sejam androcéntricas?**

O capítulo LX, em que fala Helena, é boa mostra disso. Começa assim: “As minhas medidas som: colo 35, costas 34, tórax 84, cintura 60, quadris 90, talha 1,65. tenho dezanove anos, estudo terceiro de carreira. // Como som? Bem, no párrafo anterior já se diz como sou” (pág 106). Helena exerce como Narcisa a admirar-se no espelho, e duvidamos se é ela realmente a narrar-se ou um Salgueiro que está a espiar polo furado da fechadura. Admite ser boa estudante e com qualidades intelectuais, mas todo o capítulo é um descer detalhado polo seu corpo e a capacidade deste para seduzir homens: “O meu perfil é bastante grego. Seria de umha seriedade algo académica se os meus olhos e a minha boca nom fossem como som. Aqueles, dous meninhos escachapedras; esta umha rosa de especioso sorriso escarlata. Mas a minha cabeça é sólida sobre um colo de alabastro. E como que ainda estou perante o espelho, estou vestida -nom som umha perversa voluptuosa-, *nom podó descrever muito mais da minha pessoa*, embora o azougue registe um busto alto, breve e agudo, e uns estreitos, mas alegres quadris” (pág. 109; *itálicos meus*).



TAREFA 9

Helena é “autodescrita” respondendo ao modelo clássico de beleza feminina. **Enumera os elementos que achas que integram o ideal canónico de beleza. Agora lê o capítulo LX e elabora a lista das características físicas da Helena. Que coincidências há entre as duas enumerações?**

Outro momento da narrativa destacável neste sentido é aquele dedicado à Cleo/Júlia e às suas pernas. Novamente a mulher como objeto de desejo masculino e outra vez ela a ver-se a si mesma gozada de homens, como se para todas as mulheres fosse esse o objetivo (capítulo XLI).

Enfim, o romance Scórpio representa bem a literatura canónica masculina. Combina todos os recursos que tem na sua mão para invisibilizar as mulheres como protagonistas, reduzi-las a tópicos, negar-lhes a voz e conceptualizá-las como simples objetos de desejo e meios para satisfazer necessidades sexuais masculinas. É por isso que este romance é um bom pretexto para trabalhar nas aulas estas questões e, ao invés, é impossível ignorar todas estas questões ao trabalhar o texto nas aulas.

Autoria: Susana Sanches Arins

Coordenada por: Teresa Crisanta V. Pilhado & Eduardo Maragoto

Diagramada por: Uxio Outeiro

Este material didático contou com o apoio da Consellería de Cultura e Turismo e da Deputación da Coruña.



Deputación
DA CORUÑA



Xacobeo 2021



XUNTA
DE GALICIA

#aculturasegue

